

Etnografia dos *slams* em São Paulo: Corpos performáticos na diáspora da periferia ao centro¹

Victoria Maria Baulé Gebara Cândido - FFLCH USP

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo seguir a trajetória da autora ao acompanhar o circuito paulistano de batalhas de poesia - *slam* - durante os anos de 2023 e 2024, além do evento do campeonato mundial (*World Poetry Slam Championship*) realizado em outubro de 2023, no Rio de Janeiro, durante a Festa Literária das Periferias (FLUP) na Vila Olímpica da Gamboa. Esta etnografia mescla análises da literatura da Antropologia Urbana e das Formas Expressivas, na tentativa de elucidar o quanto as performances dos diferentes corpos poéticos são marcados pela(s) cidade(s) e criam um movimento literário com foco na oralidade e na expressão das poesias. A análise foca em como essas performances afetam as relações dentro da cena, como diferentes corpos com diferentes marcadores são capazes de evidenciar suas vivências com a palavra proferida, aguardando as notas e reações do público. As investigações partem da própria experiência de reconhecer seu corpo em campo, do uso de fotos e vídeos feitas pela autora como outra forma de linguagem complementar para a análise do objeto proposto, da corporificação da poesia e da importância da autoetnografia para compreender o esforço etnográfico. Há também o interesse de demonstrar a necessidade do uso de conceitos da pesquisadora Leda Maria Martins, como encruzilhada, oralitura e corpografia. Conclui-se, assim, a importância de compreender a complexidade e diversidade de um campo em constante crescimento por São Paulo e pelo mundo, trazendo novos paradigmas de entendimento sobre poesia, escrita e oralidade.

Palavras-chave: *slam*, performance, corpo.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

1. Introdução: sobre o *slam* e seus trajetos

O *poetry slam*, ou somente *slam*, é uma competição de poesia falada, performada num espaço de livre expressão, onde a arte se encontra com todos os tipos de vivência e resistência. Ao mesmo tempo, é um tipo de entretenimento para as pessoas que frequentam estações, ruas e praças, que se deparam com poesia escancarada em meio à sua rotina. Ele pode ser também, uma forma de vários jovens periféricos encontrarem na arte uma forma de libertação, enquanto expõem sua vida em praça pública, com a voz potente e certa. Com quase 40 anos de existência, após ser concebido em Chicago, o *slam* chama a atenção do público para as apresentações por seu caráter competitivo e contestador.

O primeiro campeonato de *slam* brasileiro foi criado em 2008, pela atriz, MC e *slammer* Roberta Estrela D'alva, junto ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, no bairro da Pompéia, em São Paulo. É ainda chamado de Zona Autônoma da Palavra - ZAP!. Nesses dezesseis anos, o *slam* espalhou-se pelo estado de São Paulo - atualmente, com mais de 50 comunidades - e por todos o território brasileiro, tendo um campeonato nacional anual com representantes de todos os estados.

Entre essas dezenas de competições e espaços, compreendo cada *slam* como um *pedaço* dentro de um *circuito* maior que pertence a toda cidade de São Paulo (Magnani, 2000). Esta última categoria vincula domínios que não necessariamente ligam-se pelo espaço físico, mas possuem coerência como um todo (Magnani, 2014, p. 2); porém, os campeonatos mais abrangentes, como estaduais, nacionais e internacionais, tornam-se numa intersecção de diversos circuitos diferentes, transformando-se numa nova forma de ocorrer a competição já conhecida por entre os poetas. A grande capacidade poética do *slam* gera um novo movimento literário, que tem foco na voz, no corpo e na performance dos poetas. Falar sobre *slam* é pensar na arte produzida a partir dos trajetos das cidades, das diversas periferias espalhadas por São Paulo, pelo Brasil e pelo mundo, dos vários circuitos englobados por essa forma de expressão.

Em minha experiência com incursões etnográficas em vários *slams* em São Paulo, tais como no campeonato estadual no Sesc 24 de Maio, ou na oportunidade única de testemunhar o Campeonato Mundial de *Poetry Slam*, em outubro de 2023, no Rio de Janeiro, a Antropologia foi essencial para entender como tantas pessoas que produzem o circuito das batalhas de poesia – toda relação das pessoas e espaços que constroem a estética cultural

dessas – são capazes de se encontrar e trabalhar por um mesmo objetivo: levar a poesia aos mais diversos lugares da(s) cidade(s), com a rua sendo seu local de crescimento.

As categorias de voz, corpo, memória e espaço foram de extrema necessidade para compreender as potências poéticas que encontro em cada slammer, em todas as regiões de São Paulo. A importância sumária da *oralidade* e da *performance* para entender as batalhas de poesia como uma nova forma de saber poético torna-se recorrente a cada visita a campo e a cada vez que apresento um *slam*, seja como poeta ou *slammaster* (pessoa que apresenta e constrói um *slam*, no meu caso, o *Slam Usperifa*), ou seja, o presente trabalho também envolve um processo autoetnográfico no entendimento das relações dentro dos *slams*. Por isso, a ideia de *oralitura* é necessária para compreender o *slam*, tal como definida por Leda Maria Martins:

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história e das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. (Martins, 2022, p.41).

Como dito pela poeta King Abraba, campeã do *Slam SP 2023*, em uma das suas poesias que gabaritou notas 10 do júri: “o poeta é o pára-raios do mundo”. Todas suas apresentações trazem sua história, também construindo seu presente, que sofre mudanças todas as vezes que é performado. O poeta sente o que a cidade tem a oferecer, absorve o choque e deixa que toda essa eletricidade saia em forma de poesia.

Por outro lado, existe uma discussão entre as pessoas que constroem as batalhas sobre o momento atual pelo qual passa o *slam*, em que tal modalidade fica cada vez mais conhecida e os poetas encontram uma forma de sustento por meio da arte, ganhando campeonatos e recebendo prêmios, algo que ficou claro em diversas idas a campo. A competição parece tornar-se mais importante do que a própria ideia do fazer do poema de cada *slammer*. As referências e os sons tornam-se cada vez mais similares, principalmente em São Paulo, onde a competitividade é acirrada, enquanto centenas de poetas buscam alcançar o sonho dos campeonatos nacional e mundial. Como isso afeta as *performances* e a honestidade do que é passado em cada poema? Como os corpos se comportam em um lugar que nasceu para ser

uma competição em que não há jeito certo ou errado de se fazer, desde que caiba em três minutos de execução?

Como é dito nas batalhas - principalmente no *Slam do 13* - no fim, “a poesia sempre vence”, mas seria esta qualquer poesia, ou somente as poesias que se encaixam em um certo ritmo e temática podem chegar ao topo?

Imagens 1 e 2: Poeta King Abraba, na final do Slam SP, dia 10 de Setembro de 2023.

Arquivo Pessoal.



2. Desenvolvimento: o corpo e suas atividades

Neste trabalho, o foco na performance é importante para entender como a transmissão da poesia ocorre do poeta para o público e de um poeta para o outro. Como colocado por Paul Zumthor, existe uma primazia do corpo na apresentação, junto à voz que toma à força a palavra: “o corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo” (Zumthor, 2018: 25). Por essa encarnação do texto e das trajetórias na corporeidade dos poetas, seria impossível trazer aqui somente o relato escrito das minhas idas à campo: é necessário o entrecruzamento de corpo e palavra para que meu trabalho esteja completo.

A articulação do corpo com o espaço urbano foi chave para o desenvolvimento das ideias dessa pesquisa. A corpografia, tal como definida por Silvana Nascimento (2016) é um... “modo diferenciado de sentir a cidade por meio de intervenções e performances estéticas e artísticas que provocam, rechaçam, questionam a espetacularização das metrópoles

contemporâneas. (...) o corpo intervém no espaço urbano.” (Nascimento, 2016: 2).

Toda vez que um *slam* é realizado em lugares públicos, na rua – como é o caso dos *slams* da Guilhermina, ABC e o *Slam* do 13 - ocorre uma intervenção dos poetas em espaços que possuem outra designação e não são pensados como lugares para se construir, mas sim, desencarnar a cidade, tornar um espaço de passagem. As batalhas de poesia, assim como outras manifestações populares urbanas, tomam para si a responsabilidade de mudar o espaço da metrópole, afetar a cidade assim como os poetas são afetados por ela, tornando seus corpos visíveis e suas vozes o único som que importa em meio ao caos urbano.

Trago aqui as palavras de Sylvia Caiuby (2021) para justificar minha escolha de incorporar a antropologia visual ao meu trabalho, para criar alternativas de análise em razão das limitações do texto. A fotografia, por exemplo, permite uma maior proximidade e detalhamento dos gestos e dos corpos de meus interlocutores. As imagens são uma outra forma de linguagem, que ajudam a traduzir os significados das corporalidades, deixando mais claro os meus achados sobre performance do que o “simples” relato escrito. Tal metodologia permite, ademais, uma troca constante com os poetas interlocutores: envio minhas fotos para os poetas, que podem publicá-las e guardá-las para si. A proximidade é maior do que quando me coloco no meio dos *slams* apenas observando e anotando os detalhes em meu caderno de campo.

Fotos 3 e 4: Poeta Mileny, no *Slam* Usperifa. Arquivo Pessoal. 7/3/2024.



Entre as diversas trocas com os poetas e sendo também *slammaster* - pessoa que

organiza um *slam* - do *Slam* Usperifa, entendo que as propostas do que se quer apresentar quando declamando um poema variam de acordo com quem o performa, sobre o que fala e quais são suas referências. De fato, não existe uma fórmula geral da *performance*, pois cada um tem algo que quer passar ao público e aos jurados, sempre popular e escolhidos no início de cada *slam*. A cada batalha, sinto-me mais confortável em apresentar, seja um poema ou como mestre de cerimônia.

Essa autoetnografia que realizei, deixa clara a importância de colocar meu corpo em evidência para que consiga compreender melhor o movimento de outros. Como explicitado por Tony Adams, Carolyn Ellis e Stacy Holman Jones (2015), ao realizar a autoetnografia, nós observamos, participamos e escrevemos sobre experiências culturais, adentrando o campo e se preocupando em escrever sobre nossa própria participação naquele meio, além de nossos interlocutores. Essa é uma peça chave para o reconhecimento da antropóloga enquanto corpo, pessoa e agente naquele espaço, uma presença a ser reconhecida em nossas próprias pesquisas.

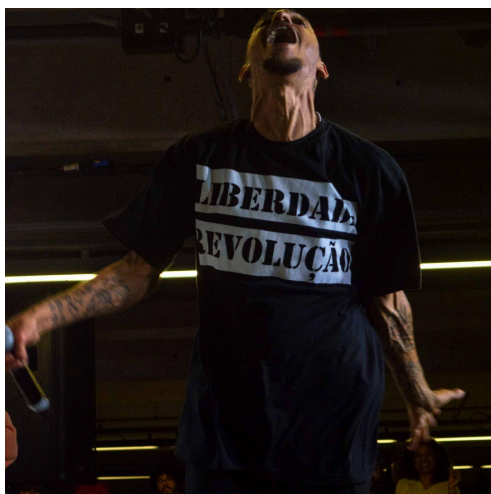
A partir dessas experiências, entendo que os movimentos corporais ocorrem com controle limitado, tornando cada apresentação diferente da outra, seja no ritmo das palavras, na diversidade dos gestos ou na entonação que é apresentado o poema. É o que diz Estrela D’Alva: “o momento presente em que o encontro se dá, não é passível de reprodução (...) nada substitui a presença física, o encontro, o diálogo entre as diferenças, pontos centrais desse tipo de manifestação” (2012: 99). A presença nas batalhas é essencial para que a experiência seja completa, ainda mais dentro de um trabalho etnográfico. Percebo isso agora, enquanto revisito meus registros audiovisuais e relatos no caderno de campo: por melhor que a poesia seja, a intensidade nunca será a mesma do que a presença dela bem na sua frente.

Assim, o corpo e sua investigação intensa em cena são de importância central para as batalhas de poesia. Poetas como Kaya (vice-campeão do *slam* SP 2023) e O’Cotta (representante do Brasil no *World Poetry Slam Competition*) possuem referências do *funk*, *hip-hop* e *rap*; suas letras e expressões corporais são testemunha disso. O primeiro, inclusive, relatou no *podcast* “Na vez e na voz”, que cria os movimentos que irá fazer nas apresentações para depois criar a letra². Em uma conversa com ele durante uma batalha do *Primeiro Ato Slam* em que participamos, ele disse que participa dos *slams* desde 2017 e a questão da *performance* é o que mais estima nas competições.

² Sua fala está presente no episódio 3 do podcast:

 Podcast Na Vez e na Voz | King Abraba e Kaya Matheus | episódio 3 .

Imagens 5 e 6: Poeta Kaya na final do *Slam* SP. Arquivo pessoal. 10/9/2023.



Kaya disse que sente certo incômodo por poetas que só prezam pela voz em suas apresentações, chegando a um ponto que ele sente que o *slam* virou uma batalha de rima decorada. O poeta sente que o passado do teatro e o pensamento crítico adquiridos no curso de Ciências Sociais o fez trazer para sua poesia coisas que já sentia dentro da *quebrada* e as incorporar ainda mais. Disse-me também certa vez que, ao invés de meter o dedo na cara de *playboys* ou policiais para expressar sua raiva, prefere performar tal sentimento para o público, e sente que suas vontades não deixam de ser verdade e colocadas no mundo. Por fim, disse-me na mesma conversa: “nem que seja por dois segundos, eu impactei, tomei de assalto a atenção do público”.

Tanto Kaya e O’Cotta são poetas sempre muito expressivos e que se movimentam por todo o palco - o primeiro mais que o segundo - apontando o dedo na cara da plateia e relatando as dificuldades de ser um homem preto e periférico em constante contato com o tráfico, com a violência da polícia com relação a pessoas como eles e com as injustiças sociais. Trata-se de algo análogo ao que a cena do rap no Brasil sempre fez. Seus poemas parecem deixá-los sem fôlego. Eles mesmos puxam forte o ar para recuperá-lo a cada verso, mostrando as veias do pescoço e todos ouvintes ficam compenetrados nas suas palavras. Parecem realmente querer trazer o público para seu imaginário e suas dores escancaradas

junto ao microfone e o palco.

Imagens 7 e 8: Poeta O'Cotta na final do WSPC. Arquivo pessoal. 15/10/2024.



Outra força poética que sempre intriga o público nas apresentações são as mulheres trans e travestis na cena. Lutando cada vez mais pelo seu espaço, muitas delas recitam “com a garganta”, gritando e se movimentando pelo público sem medo de serem chamadas de histéricas, mostrando toda sua potência corporal e marginal. Utilizam-se muito de canções como pontos de Umbanda e não têm medo de se apresentar com visuais diferentes, maquiagens e roupas muito elaboradas. Por mais de uma vez vi jurados dando notas baixas a elas, ficando claro ser por transfobia.

Numa edição comemorativa dos onze anos do Slam do 13, por exemplo, realizada na Casa de Cultura Santo Amaro - diferente das costumeiras edições no Terminal Largo 13 - havia um jurado que colocava, junto a cada nota escrita no quadro, uma frase religiosa cristã, citando Jesus e bênçãos. Na vez de apresentar a nota de Naiá Curumim, de nome artístico Trava da Oeste, esse mesmo jurado deu nota zero e todos poetas presentes se exaltaram e gritaram ao homem, chamando-o de transfóbico. Logo depois, esse jurado se retirou e foi substituído sem maior alarde.

As apresentações dessas mulheres lembram as experimentações de outras artistas transgênero como Linn da Quebrada e Jup do Bairro, que se utilizam dos gestos às vezes inesperados (como pular do palco e dar uma cambalhota em frente à plateia) e de sua voz

rouca para falar de seu sofrimento e de outras, mas também de como são livres com seus corpos dissidentes. Nessa perspectiva, é possível trazer a própria característica do gênero como uma prática performática repetitiva e como diferentes marcadores trazem diferentes repetições (Butler, 2022, p. 250).

Imagem 9: Poeta Katrina, no *slam* Primeiro Ato; Imagem 10: poeta Mamba Negro, em apresentação no *Slam* Usperifa. Arquivo Pessoal. 2024.



Por fim, as apresentações de mulheres pretas, que buscam causar com suas *punch lines* (frases fortes em meio à poesia, como um “soco”, muito comum nas rimas do rap) o que realmente sentem no estômago. Elas vêm num tom de cobrança por não as ouvirem como ouvem os poetas masculinos e mostram por que elas são artistas e referências em suas quebradas. Não à toa, mulheres pretas foram maioria na final do *Slam* SP, ganham a maioria dos *slams* que participam na cidade e muitas chegaram na final no campeonato mundial, conseguindo ótimas notas. Mas a cobrança continua válida: em uma edição especial das mulheres no *slam* Primeiro Ato, em julho de 2024, a maioria dos homens que geralmente comparecem ao evento não apareceram para apreciar a edição.

As próprias *slammasters*, Mileny e Matriarcak, falaram sobre essa falta de presença masculina dos *slammers* quando o assunto é prestar atenção e validar poetisas mulheres, já que “quando nós temos que ouvir pela enésima vez as poesias deles, eles colam, mas para vir e apreciar o trampo das minas, eles não vêm”. Mesmo que vários poetas tenham me contado que vão a muitos *slams* por conta do encontro com amigos e pela “resenha” - gíria paulista para festa - parece que ela vale mais a pena se os poetas masculinos não se sentem diminuídos

por não poderem competir.

Todas essas diferentes maneiras de performar a vida em forma de poesia se encontram fora dos costumeiros circuitos quando esses grandes campeonatos, como o nacional e mundial, ocorrem. Durante o ano, a *cena*³ de São Paulo é quase sempre a mesma: os mesmos poetas frequentam os mesmos *slams* e se encontram a ponto de decorarem as poesias uns dos outros – novos poetas sempre aparecem, mas no geral, os *slams* mais famosos possuem os mesmos frequentadores, que já são mais conhecidos. Contudo, as competições estaduais, nacionais e internacionais geram novas interações e trocas. Por isso, acredito que esse encontro de *oralituras*, de saberes incorporados gera uma outra categoria que não encontro sinônimo na antropologia urbana: *encruzilhada* – usada na própria divulgação do WPSC na FLUP 2023⁴ – aqui definida por Leda Maria Martins:

encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos (...). É assim, como pensamento e ação, *locus* de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão (...) E nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e entrecruzam - nem sempre amistosamente - práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim (Martins, 2022, p. 51).

Se exponho o *slam* como um lugar em que saberes incorporados em diferentes sujeitos são transmitidos através de performances poéticas, cada batalha pode ser uma encruzilhada diferente, que é capaz de unir em um só lugar, vários pensamentos em trânsito. Assim, o Campeonato Mundial é a epítome deste processo. Nele, quarenta poetas de quarenta países diferentes de cinco continentes se apresentaram durante quatro dias no Morro da Providência, primeira comunidade do Rio de Janeiro. A convivência e troca entre eles era constante,

³ Entendo o termo *cena* como exposto por Morgan Caetano em seu artigo sobre a *cena clubber* de São Paulo: “Magnani aproxima *cena* da categoria circuito - para o autor, ambos remetem a um recorte que não se restringe a um espaço facilmente localizável, a diferença sendo o caráter mais amplo da *cena*. Esta inclui o circuito - equipamento físico, espaços virtuais e eventos - como também desenha estilos e comportamentos compartilhados que se dão nos e pelos circuitos. Para Facchini (2011), a noção de *cena* estabelece um caráter elástico e invisível nas fronteiras de supostas ‘unidades culturais’, podendo variar entre *cena* regional, nacional ou internacional. Pensar de modo alternativo à ideia de ‘subcultura’ propõe um sentido maior de dinamismo a esses universos sociais” (Caetano, 2023: 2).

⁴ O vídeo pode ser encontrado aqui: <https://www.instagram.com/reel/CxqmV8QLPvd/?igshid=NzBmMjdhZW RiYQ==>

mesmo que não falassem a mesma língua. Mesmo esse não sendo o cerne de minha pesquisa, mais focada no circuito paulista, foi importante perceber as diferentes dinâmicas poéticas possíveis e ter um olhar ainda mais *estranhado* de um lugar que já frequento e conheço bem.

Imagens 11 e 12: Poetas Matriarcak e Bárbara Aquino na final do Slam SP. Arquivo Pessoal. 10/9/2024.



Depois do dia inteiro de competições do WPSC, havia sempre um *mic aberto* (local onde qualquer pessoa pode proclamar uma poesia, sem cunho competitivo) no bar ao lado do local onde o palco se estabelecia. Lá a poesia não parava um instante e a festa era presente. Conversei com poetas da Bolívia, da Lituânia, da Bélgica, do Marrocos e da Nova Zelândia, todos mostrando o quanto estavam adorando o Brasil e muito curiosos sobre como eram as performances de *slam* de todos os outros países. O poeta Bedňa da Eslováquia, com o qual tive grande contato, disse que, nos países do leste europeu, as batalhas de poesia têm um tom mais cômico, em que as críticas sociais são feitas de forma irônica. Porém, ele percebeu que no Brasil e outros países da América Latina tinham poesias muito mais “pesadas”, em que o desconforto deve ser sentido constantemente, ainda mais na resposta do público brasileiro, que não riam tanto de suas poesias quanto em seu país natal. Ele inclusive me perguntou se isso não deixa a cena “cansativa”.

Essa pontuação feita de forma tão pronta e com pouco conhecimento da poesia do país me impressionou, pois essa é uma indagação que os próprios *slammers* fazem sobre a cena, principalmente de São Paulo, em que a competitividade tomou proporções inimagináveis uma década atrás, quando as batalhas davam seus primeiros passos e iam se espalhando pela cidade e estado. Há uma preocupação que a competição esteja ultrapassando a importância da poesia em si e que o *slam* esteja se perdendo. Talvez, o objetivo dos poetas não seja mais se

expressar da maneira que mais os contempla - ou seja, reconhecendo-se completamente em seus próprios versos - mas sim, da maneira que mais agrada as expectativas do público e dos jurados, que estão lá para serem impressionados e questionados, saindo do *slam* transformados. Isso impacta diretamente em como as batalhas de poesia são realizadas no país.

Acredito que essa “fórmula” criada pela alta competitividade dos *slams* possuem grande relação com a autenticidade que se quer passar nas poesias, já que a maioria dos poetas da cena possuem várias marcações sociais da diferença em seus corpos e sentem a necessidade de falar sobre elas para o público. Como dito por Susan Somers-Willett, sobre a autenticidade nas performances de poetas:

A presença física de autore assegura que certos aspectos de sua identidade são visíveis, como eles são performados em e através do corpo, particularmente raça e gênero, mas abrangendo também classe, sexualidade e mesmo regionalidade. (...) Performance, como algumas podem esperar em um gênero avaliado e híbrido como o slam, é o instrumento que faz um poema soar verdadeiro ou falso com qualquer audiência. (Somers-Willett, 2022: 261).

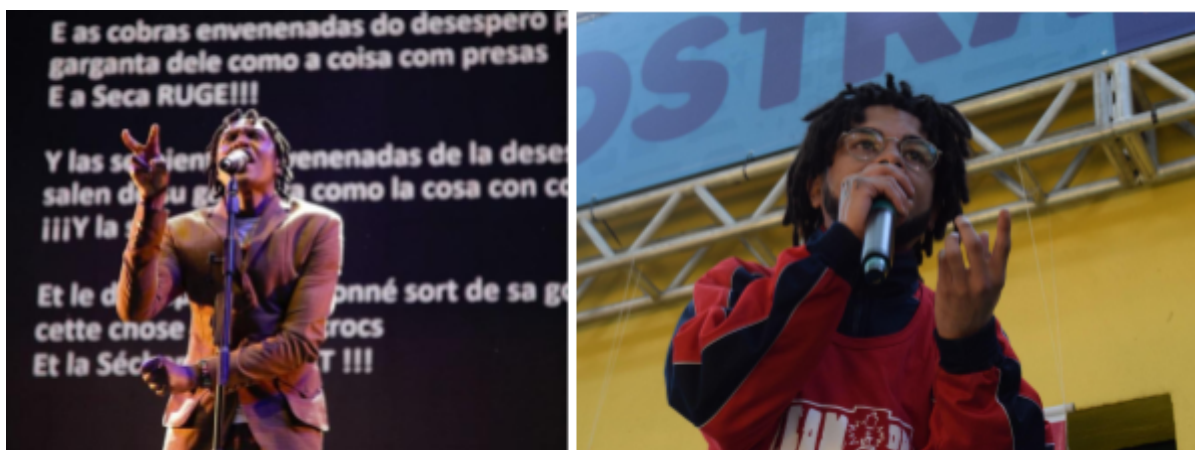
No fim, essa avaliação feita por júri popular perpassa muito mais do que a poesia declamada. O poeta possui um corpo e utiliza-se dele para performar suas palavras, transformá-las em gesto, gerar um impacto na audiência e isso a torna algo “válido” ou não. Se a única forma de existência atribuída a corpos negros e/ou periféricos é uma na qual a dor e o sofrimento são perenes e as formas de amor escassas, o público que vai lá com a intenção de ser impactado por outras existências vai validar isso que ouve. E quando os próprios poetas não se sentem confortáveis em escrever poemas de amor, já que não trarão o retorno esperado na nota, o escopo de criação do *slam* fica cada vez menor. O espaço livre de poesia torna-se restrito a quem se encaixa melhor na narrativa criada pela própria cena.

Algumas pessoas, porém, trazem uma outra visão para as questões levantadas acima, como a própria vencedora do *World Poetry Slam Competition*, Lady La Profeta, poeta da Colômbia e o poeta Madrugá, da cidade de Guarulhos. A poeta utiliza do pedestal do microfone em todas suas poesias e, por mais que movimente suas mãos e faça diversas mudanças na sua voz e nas expressões faciais, seus maiores impactos não vem como um “soco no estômago”, mas sim dentro de suas palavras encadeadas ao falar da dificuldade do

artista independente, que sobrevive aos trancos, mas que nunca desiste da sua arte e de sua origem. Ela pode até ser mais contida, diferente dos poetas brasileiros que ganharam os principais campeonatos este ano, mas sua palavra-poema possui um grande poder.

Por fim, o poeta Madruga traz um lirismo maior para os *slams* paulistas. Por mais de uma vez vi outros poetas mais antigos da cena utilizando-o como exemplo de alguém que traz algo diferente para as batalhas. Ele fala francês no meio de seus poemas e já recitou um poema de amor inteiro na língua, enquanto o traduziu simultaneamente para o português, encantando os ouvintes. Por mais que as influências do rap e hip-hop estejam ali, é notável a preocupação com a lírica, como o poema é proclamado, não só com a mensagem e os “socos no estômago”. Em uma das conversas que tive com ele, acabou contando-me que sente o *slam* como uma desculpa para certo grupo de amigos se encontrar, divertir e aprender uns com os outros, escutar uns aos outros. Talvez essa seja a chave para entender uma maneira de viver as batalhas de poesia valorizando a vitória dentro da competição, mas também as suas raízes, o motivo que ela foi criada e espalhada no Brasil: dar espaço às vozes e forças periféricas que não eram ouvidas.

Imagens 13 e 14: Poetas Slim Shaka, do Quênia, na final do WPSC e Madruga, em apresentação no *Slam* da Guilhermina. Arquivo Pessoal. 2023 e 2024.



Em uma tradição oral da passagem de vivências, como entendo ser o *slam*, o corpo é ambiente das memórias, instituindo hábitos e revisando a ação, o evento apresentado pelo poema (Martins, 2022, p.89). Expressar sua história pela voz muitas vezes não precisa ser feito através de “socos” nos versos. Lembro de Midria, poeta de *slam* que fez sucesso com sua poesia “A menina que nasceu sem cor”. Elu não chega a gritar em suas poesias, não chega em

tom de cobrança, mas sim de reflexão, que faz o público chorar e várias meninas negras de pele menos retinta, assim como eu, se espelharem em sua potência. Hoje, pode não ganhar tantos campeonatos, mas traz uma renovação (mesmo que antiga na cena) necessária.

3. Conclusão

Durante estes anos de pesquisa, dentre as dezenas de idas à campo, milhares de fotos capturadas e tantas histórias, poemas e palavras trocadas com outros poetas, consegui criar um laço com os *slams* e sua comunidade, realmente fazendo parte de sua construção. Além das fotografias, das quais sempre compartilhei com os poetas e com meus companheiros do coletivo do *Slam* Usperifa, realizei várias gravações de performances das poesias em campeonatos maiores ou menores, focando num projeto maior de filme etnográfico no futuro. Ademais, é importante declarar que essas gravações, além das fotos, sempre foram compartilhadas, já que encaro esta como uma troca importante, entre tantas outras, da qual as batalhas de poesia podem fornecer.

Imagens 15 e 16: Poeta Lady La Profeta no Campeonato Mundial. Arquivo pessoal.
Outubro de 2023.



Compreendo que as potências poéticas possuem diversos trajetos pelas cidades, podem se expressar das mais diversas formas e que são capazes de passar seus marcadores sociais pelos seus gestos, criando novas maneiras de transmitir conhecimentos corporificados. As batalhas de poesia são mais que um circuito que intermedeiam diversos trajetos-poemas na

cidade. Elas são força de encontros de formas de conhecimento expressas pelo corpo e pela voz, sabedorias que se explicitam e reconectam com o presente a cada palavra.

Se, por exemplo, para eu conseguir estar presente no *Slam SP*, preciso sair da região do ABC Paulista onde resido e me dirigir até o Sesc 24 de Maio, centro da capital paulista, assim como outros poetas saem de suas outras zonas periféricas, para trazer seus corpos marginalizados e marcados para o *centro*, fazemos isso para falar, sim, mas também para ouvir e incorporar o que for possível, levando de volta o que podemos, compartilhando mais ainda depois que o microfone é desligado e o(a) vencedor(a) já foi coroado(a). A *oralitura* está viva na cidade de São Paulo, esta que se apresenta tão difícil e incapaz de escutar, a cultura marginal-periférica está em manifestação para que suas vozes jamais estejam caladas, para que os ouvidos estejam atentos e os outros sentidos se aguçam por tantas performances fortes e penetrantes, que, uma vez colocadas no mundo, se manifestaram durante muito tempo em corpos outros que entenderam toda sua potência.

Esses corpos se colocam no centro para entender as experiências que passam nas cidades e manifestá-las no palco, na ágora - imagem trazida por diversos poetas na cena ao se tratar de *slam* - e trocar nas encruzilhadas, na presença de diversas vidas em troca constante. Os *slams* são locais que ajudam os poetas a significar o mundo, a entender como a poesia vai além das próprias palavras proferidas, algo que também envolve o corpo e seus gestos, a voz com seus timbres e gritos, a força-poema que emociona, ao mesmo tempo que instiga a produzir mais literatura e *oralitura*.

Sinto que consegui responder parte das perguntas que levaram-me a buscar este objeto de pesquisa, mas outras surgiram ao longo do trajeto, essas que penso serem chave para continuar pesquisando, tanto em termos de bibliografia, quanto a manutenção do meu trabalho dentro da cena paulistana das batalhas: investigar mais sobre os corpos e a porosidade neles; como as relações dentro da cena são implicadas pela performance das poesias, o que se fala e como se fala.

Agora, começo a competir em mais *slams*, quanto organizar e entender sua produção, a etnografia torna-se inerente, por mais que seja difícil manter um olhar constantemente estranhado dentro de um ambiente que engloba grande parte da minha vida. Mas, estranhá-lo torna-o ainda mais interessante. Perceber seus detalhes e encarar suas mudanças é algo que instiga. Quero encarar todas suas encruzilhadas, torcendo para que se multipliquem um

sem-número de vezes.

Foto de todos os slammers juntos no fim do Campeonato Paulista e do Campeonato Mundial, respectivamente. Arquivo pessoal. 2023.



Referências Bibliográficas

ADAMS, Tony E.; JONES, Stacy Holman e ELLIS, Carolyn. **Autoethnography**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2022.

Caetano, M. F. . (2023). Contaminação clubber: corpo e performance na cena de São Paulo.

Ponto Urbe, 31(2), 1-22. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/pontourbe/article/view/221254>

CAIUBY, Sylvia N. **Por Uma sensibilização Do Olhar – Sobre a importância Da Fotografia Na formação Do antropólogo**. GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia 6 (1). São Paulo, Brasil. 2021. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/gis/article/view/179923>

ESTRELA D'ALVA, Roberta. **A performance poética do ator-MC. Capítulo III: o ator-MC e o universo do poetry slam e do spoken word**. 2012.

FACCHINI, Regina. **Não faz mal pensar que não se está só: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 36, p. 117–153, 2016. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644991>.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

MAGNANI, José Guilherme. 2000. **Quando o campo é a cidade**. In: Na metrópole: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP

MAGNANI, J. G. C. (2005). Os circuitos dos jovens urbanos . **Tempo Social**, 17(2), 173-205. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200008>

MAGNANI, José Guilherme. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana São Paulo**. Ed. Terceiro Nome, Coleção Antropologia Hoje, 2012

MAGNANI , José Guilherme. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. Revista **Ponto Urbe**: Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo. 2014. DOI : 10.4000/pontourbe.2041

NASCIMENTO, Silvana, A cidade no corpo: Diálogos entre corpografia e etnografia, **Ponto Urbe**, 19 | 2016, consultado em 29 de julho de 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3316>

ROMÃO, L.S.; PEREIRA, M.S. (Trad.) | Capítulo três: Eu canto o corpo autêntico. A poesia de slam e a política cultural de performar identidade. In: **Revista Terceira Margem**, v. 26, n. 49, mai./ago. 2022, p. 259-289 3ªm Cultural - Outras Margens.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.